

(foto Nunes d'Almeida)

GALERIA DOS ASES
F. FERREIRA
DO BENFICA



Stadium

N.º 14 // 10 de Março de 1943

1\$50

O «Norte Desportivo», nosso prezado colega portuense, festejou, recentemente, o nono aniversário da sua fundação. Felicitamos por tal motivo o seu director e nosso antigo colaborador Joaquim Alves Teixeira, desejando ao «Norte Desportivo» as melhores prosperidades.

As idéias são um tanto como as cerejas... Umam lembram outras. Tendo-nos referido ao «Norte Desportivo», lembramo-nos da sua atitude, de agora, relativamente à crise que o Futebol Clube do Porto atravessa. E isso fez-nos pensar no que pode valer, como estímulo para recuperação do seu antigo valor, o empate obtido pelos campeões contra a Associação Académica de Coimbra.

A guerra, começa, agora, a provocar sérias perturbações no movimento desportivo. A Itália, que manteve, durante muito tempo, a regularidade dos seus torneios de desporto, resolveu suspender toda a actividade desportiva, a partir de 1 do mês corrente. A mocidade italiana foi chamada a uma tarefa mais árdua — e tem que abandonar o desporto de competição.

Pois é de desejar que possa voltar em breve ao sossego das grandes pugnas de desporto!

Na capital do país vizinho, acaba de ser inaugurado um campo que é um verdadeiro estádio — o Estádio Metropolitano. O campo pertence ao Atlético Aviación e sofreu enormes destroços durante a guerra civil. Foi por isso reconstruído.

A festa inaugural, limitada a bem dizer a um desafio de campeonato, entre o Atlético e o Madrid, velhos rivais, despertou um interesse que se traduziu em cerca de 40.000 espectadores. Um dia em cheio — quanto a público.

Uma só semana teve marcadas duas sessões de «box». Andamos às revoadas com o pugilismo. E parece que seria melhor o contrário. Com organizações espaçadas entre si, manter-se-ia mais regular a vibração do público. E é no seu entusiasmo que se baseia o êxito de qualquer iniciativa.

A última sessão de «box» do Coliseu trouxe novamente a terceiro, quanto a nós, o problema das relações dos organizadores com a imprensa. Queixam-se em geral de que os jornais os não auxiliam na propaganda das «sessões» que preparam, e na amplitude das críticas que lhes dispensam.

Mas são eles que se esquecem da imprensa na altura própria, para se lembrarem somente de quando ela lhes é precisa. Com a citada sessão, foi, por exemplo, difícil arranjar bilhete de entrada.

Temos, é claro, o recurso de o comprar à nossa custa — para dar realce à iniciativa de outras pessoas... Parece, no entanto, que seria melhor e mais justo que os organizadores nos oferecessem, espontaneamente, os meios necessários para exercer uma função que lhes é útil e que, por nossa parte, é sempre desinteressada.

Um exemplo magnífico

AINDA A LIÇÃO DE COIMBRA

O exemplo da natação em Coimbra merece mais comentários. Num dos últimos números da «Stadium», falámos, principalmente, das condições de tenacidade e sacrificio com que se faz ali a propáganda e se promove o enraizamento da natação. Pretendemos agora dizer alguma coisa acerca dos resultados técnicos colhidos naquela cidade. O que se tem feito e conseguido, a tal respeito, não é somente um exemplo — mas, também, uma lição.

Em síntese, e à laia de introito, podemos afirmar que o labor esforçado de dirigentes e nadadores, em poucas épocas, levou a natação de um desporto praticamente inexistente a um desporto em pleno progresso, dando a Coimbra a categoria do segundo núcleo português de natação. E este resultado global, que não é favor classificar de esplêndido, foi obtido com uma piscina que tem de ser reconstruída anualmente e que apenas funciona durante o verão. A lição de Coimbra é isto: trabalhar com entusiasmo numa piscina que é pouco mais que uma barragem — no Mondego. Num meio em que a falta de progresso e movimentação apresenta como desculpa a falta de piscinas, foi possível improvisar uma piscina na praia fluvial, tem sido possível o seu funcionamento todos os anos e foi possível fazer do nada um núcleo em franco desenvolvimento.

Analisando ou registando os resultados teóricos de 1942, faz-se melhor idéa do valor da obra efectuada. Julgamos, por isso, oportuno respigar algumas notas do relatório da Associação de Natação de Coimbra, e publicá-las, aqui, como preito de justiça para os dirigentes coimbricenses e exemplo para todo o país.

No ano passado, a piscina funcionou unicamente durante 65 dias. Neste pequeno período de tempo, organizaram-se 10 festivais e bateram-se 47 «records» regionais, o que dá um a média de 5 «records» por festival. Uma equipa representativa da Beira Litoral (Adelino Lebre, João Ravara, António Teles Neves, António dos Santos, Luis Conceição, Luis Fidalgo e Jorge Camões) ganhou o campeonato da «Mocidade Portuguesa» de 7×33 livres. E duas nadadoras de Coimbra, Natália Veiga (Associação Académica) e Maria Isabel Costa (Sport) ganharam, respectivamente, os campeonatos nacionais de 100, 200 e 400 metros livres, e 100 metros costas.

Temos, assim, um excelente «palmarés»!

MÁRIO DE OLIVEIRA

FOI nomeado delegado no Porto da Direcção Geral de Educação Física e Desportos o sr. Mário de Carvalho, categorizado dirigente portuense e antigo director da Federação Portuguesa de Futebol.

A escolha recaiu em pessoa digna de tal distinção. O sr. Mário de Carvalho é, pelo seu apuro, um dos dirigentes do Porto com mais simpatias no sul. Ao sr. Mário de Carvalho, os nossos parabéns.

O nosso prezado camarada e distinto colaborador dr. Salazar Carreira versa, num dos últimos números do «Sul», um problema interessante — o da amplitude e das características da critica desportiva entre nós. O assunto é complexo. Limitamo-nos, por isso, a registar a sua atitude e dar-lhe o relevo compatível com esta secção.

LONGE das nuvens sombrias que a guerra espalha por todo o mundo, o Comité Olímpico Internacional, sem ter ainda a certeza de poder organizar os Jogos Olímpicos de 1944, não esquece o torneio com que, nesse ano, espera festejar as bodas de ouro da sua existência, na Suíça, país com tradições gloriosas no pacifismo internacional.

Os primeiros Jogos Olímpicos são desejados quasi como uma obsessão. E que a sua realização libertará a humanidade do pesadelo da guerra. O torneio da Suíça será já uma trégua — a favor da Paz! Os jogos seriam a paz por completo.

ESTA marcada para o próximo sábado a realização do congresso anual da União Velocipédica Portuguesa. A data escolhida coincide quasi com a inauguração da nova temporada do ciclismo de competição. Deveria haver, normalmente, entre as duas datas, o tempo indispensável para a preparação de mais uma época. A actual direcção da U. V. P. não descurou, porém, esse assunto. E o facto merece registo — e aplauso.

A estabilidade directiva tem estas vantagens. Não há a preocupação egoísta do «quem vier, que feche a porta...». O encerramento de contas de uma gerência não impede que se prepare o futuro — com oportunidade. As direcções passam... E o desporto é sempre o mesmo — na sua projecção e nas suas necessidades.

ANO XI — LISBOA, 10 DE MARÇO DE 1943 — II SÉRIE-N.º 14

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor

DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE REVISTAS GRÁFICAS, L.P.A.

REDACÇÃO E ADMINIST: T. Cidadão João Gonçalves, 19-3.

Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e impressão tipográfica na GRÁFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

VAI ser disputado o campeonato nacional de «hockey» em patins. Nos últimos anos, teve este campeonato público entusiasta — nos dois grandes núcleos desportivos do país. A «poule» final, entre os melhores clubes de Lisboa e do Porto, animava os clubes da especialidade e proporcionou excelentes jornadas de propáganda. O Infante de Sagres, clube especialmente dedicado a «hockey» e natação, foi adversário valoroso, mais de uma vez.

Este ano, os clubes do Porto não puderam, ou não quiseram, participar na «poule» final. Alegando dificuldades, desinteressaram-se do campeonato. Tem, por isso, de ser disputado em família. Estão apurados — o Futebol Benfica e o Paço de Arcos. E entre eles que se joga o título de campeão nacional, em dois domingos.

A última série de jogos da primeira «volta» do campeonato nacional desta época forneceu os seguintes resultados:

Benfica-Académica, 6-2.
Sporting-Unidos Barreiro, 5-1.
Olhanense-Unidos Lisboa, 4-3.
Belenenses-Leixões, 4-1.
Vitória-Pôrto, 3-2.

Este resumo numérico da jornada serve para dar a impressão de que os resultados correspondem, em grande parte, à expectativa. Venceram, de um modo geral, os clubes mais fortes; e, entre eles, apenas o Belenenses, tendo de deslocar-se até o norte, teve uma diferença de bolas que não se ajusta bem ao valor próprio. Os dois encontros que pareciam mais equilibrados deram a vitória — pela tangente.

Temos, assim, um domingo que não alterou a classificação dos grupos que mantêm as posições de honra — Belenenses, Benfica e Sporting. E até mesmo o Unidos de Lisboa, perdendo com os camuecos do Algarve, não mudou de lugar. Foi, pois, uma jornada — de regularidade. Não houve surpresas.

Marcaram-se 31 «goals», nos cinco desafios, o que dá a média de seis para cada encontro. Não foi muito. Mas também não foi mau...

A classificação actual do campeonato ficou como segue:

	J.	V.	E.	D.	«Goals»	P
Belenenses . . .	9	8	—	1	45-8	16
Benfica . . .	9	8	—	1	42-16	16
Sporting . . .	9	6	1	2	39-20	13
Unidos . . .	9	4	1	4	49-26	9
Académica . . .	9	4	1	4	34-29	9
Olhanense . . .	9	3	2	4	30-20	8
Pôrto . . .	9	2	2	5	19-34	6
Vitória (*) . . .	8	2	2	4	18-26	6
Unidos (Bar.) . . .	0	2	—	7	39-43	4
Leixões (*). . .	8	—	1	7	6-37	1

(*) — Têm um jogo em atraso.

O desafio de maior cartel

Em Lisboa, c. uba ao Benfica e à Associação Académica a partida mais emotiva. Os académicos com-nimbricenses batem-se, habitualmente, com galhardia. São entusiastas, por temperamento. Têm, por isso, a classificação de adversários difíceis. Numa das últimas descidas à capital ganharam aos «leões». Não foi um triunfo convincente. Aquêlle «goal» evitado ao Mourão não esqueceu ainda. Mas venceram — e isso é que conta. Confirmaram então a valia do seu futebol. O desafio teve cartel. E houve bastante público.

A laia de introito, podemos afirmar que o resultado, em números, não deve ter constituído surpresa. Este ano agravou-se o desnível observado entre algumas das linhas em que o «onze» se subdivide. A linha avançada mantém, de certo modo, o valor e o perigo que vêm desde o aproveitamento de Alberto Gomes e Conceição a interiores. São eles que mandam ou que «peçam» no ataque. E Armando, no «eixo» desta linha, é precioso elemento de carburação. O ataque é isto, agora, sem Lemos. Mas as linhas atrasadas fraquejam, nitidamente. Apenas se distingue o guarda-rédes, um dos seus jogadores mais jovens — Vasco.

As duas equipas

No domingo, o «team», a jogar, foi sensivelmente o que fica indicado, que é como quem diz o que se podia esperar dele, cotejando valores, longe da luta e do ambiente em que podia travar-se. O «onze» veio, porém, ainda mais enfraquecido, por falta de Lemos,



FUTEBOL

Nada de novo...

na última jornada da primeira volta do campeonato nacional

substituído por Joaquim João, uma das esperanças académicas de há duas ou três épocas, para o lugar de avançado-centro. No terreno, a Académica correspondeu bastante ao que se podia calcular — no papel.

De princípio, desenharam-se, logo, as tendências dos dois grupos. O Benfica ia fazendo o primeiro ponto na primeira descida. Safra, pois, para atacar em velocidade, à procura de um «goal» que desse sossego e provocasse confiança — nos jogadores e no público. Mas a Académica mostrou-se disposta à réplica e deu, imediatamente, a sensação de perigo, obrigando Martins a intervir. Pelo tempo adiante, verificou-se, porém, que o Benfica tinha melhor conjunto — e que os académicos tinham na defesa o seu ponto vulnerável.

Exuberância a mais

Os dois defesas vigiavam bem o ataque dos «encarnados» e José Maria Antunes estava convertido em barreira de choque contra Julinho. Não sabemos se o termo é justo. Mas foi assim mesmo. Dentro da preocupação de anular a iniciativa do avançado centro adversário, tudo servia — para aliviar o seu campo. Entrou, assim, numa série de violências que não são próprias no futebol, e que só findaram com a expulsão do jogador, aliás bastante tarde. José Maria Antunes tornou-se, a partir de certa altura do encontro, alvo da antipatia do público, pela forma como tentou magoar o jogador que lhe coubera marcar.

A preocupação de ser útil levou-o a ser o jogador mais prejudicial. Contribuiu para tirar brilhantismo à luta. Facilitou um ou dois pontos ao Benfica. E deixou o «onze» reduzido a dez unidades.

A partida teve altos e baixos — em jogo e em domínio. A maior porção de vantagem coube, no entanto, ao Benfica. Ressentiu-se, porém, da toada de dureza imposta por José Maria Antunes e de alguns deslizes de arbitragem. Vasco, em choque com Valadas, numa jogada de recurso, saiu do campo, para receber tratamento. A Académica esteve por isso reduzida a dez jogadores, durante oito minutos. Mas houve mais jogadores «tocados» — Alberto Gomes, Conceição, Julinho e Francisco Ferreira. No segundo tempo, a partida atingiu, mesmo, um período de desorientação bastante generalizada, desenvolvendo-se o jogo num ambiente desagradável de protestos. Após a expulsão de José Maria, reinou a calma. E o resto do desafio fez-se a gastar tempo, com o Benfica a poupar-se energias, e a Académica a aceitar o resultado.

Um resumo

Ao intervalo, estava o resultado em 3-1, a favor do Benfica, com

três «goals» de Teixeira e uma grande penalidade — por mão de Reis — que o mesmo Teixeira desperdiçou... No segundo tempo, houve nova grande penalidade, resultante de «entrada» irregular de José Maria Antunes, Marcou-Gasparr Pinto, a contar.

Sem exibição de grande relêvo, o Benfica exerceu, todavia, domínio suficiente para merecer largamente a vitória. A linha avançada jogou por vezes bem. O trio central distinguiu-se, sobretudo, pela eficácia do remate. O seu elemento mais fraco foi Rogério. A linha média brilhou apenas em Francisco Ferreira. A defesa, bem.

Na Académica, sobressaíram Alberto Gomes e Conceição, melhor o primeiro que o segundo. Alberto Gomes teve toques e fintas brilhantes, sendo um dos avançados mais perigosos no remate. Conceição, menos apurado em questões de pornerem, teve um «goal» lindíssimo. Vasco marcou o seu valor em defesas difíceis. Micael e Armando merecem também uma referência especial.

Um triunfo que não surpreende

O Sporting teve um jogo fácil, contra o Unidos do Barreiro. Entre os dois grupos houve sempre uma diferença de valores que justifica a vitória «leonina». A margem alcançada, em «goals», é, todavia, pequena. Até o intervalo, não passou o Sporting de 2-0. E, para isso, beneficiou, ainda, de uma grande penalidade. Os dois interiores — Daniel e Ermitério — falharam na condução do jogo. O «team» valeu, especialmente, pela forma como a linha média procurou empurrar o jogo para a frente, e pela cooperação de Mourão, Peyroteo e João Cruz.

No segundo tempo, pôde o Sporting jogar melhor e com mais rendimento quanto ao remate. Um período de aparente quebra de entusiasmo, da parte dos «leões», permitiu ao Unidos barreirense marcar o ponto de honra, por intermédio de Fernandes, ex-

tremo direito. Mourão e Peyroteo marcaram dois pontos; e Cruz o outro.

Resultado pouco expressivo

O encontro Belenenses-Leixões serviu de pausa para o «onze» lisboense afinar melhor o quinteto avançado. A falta de Gilberto parece suprida, em definitivo, por Quaresma. Foi um desafio repousado, em que o Belenenses não apertou o ataque, e não forçou o resultado. Podia, mesmo assim, ter ficado, pelo menos, em 4-1. Feliciano provocou, porém, uma grande penalidade no fim do encontro. E o médio centro do Leixões fez o «gôsto ao pé», transformando o castigo no segundo ponto do seu clube.

Em todo o encontro, distinguiu-se, notavelmente, o trio intermediário dos «azuis». E os dois interiores tiveram também exibição de relêvo. O ataque lisboense fez-se por vezes em condições de forçar a defesa do Leixões a dar a impressão de falta de rapidez. Couto voltou a ter uma grande tarde.

Soma — e segue...

O Pôrto continua em maré de pouca sorte. No campo do Bem-lhe-vai, mal lhe foi... A derrota não corresponde, no entanto, ao valor da sua exibição, melhor certamente do que algumas da série de desaires que tem sofrido, nos últimos domingos. O Vitória de Guimarães teve dois pontos quasi fulminantes, no princípio do encontro. E a isso deve em grande parte o resultado. Tomou balanço — e não o perdeu.

A equipa portuense não desanimou, com uma recepção desta ordem. Aos 12 minutos, já chegou a 1-2, com uma recarga excelente de Pinga. Até o intervalo, e apesar do entusiasmo com que os dois grupos batalharam, não houve nenhuma modificação.

Correia Dias fez 2-2, no primeiro quarto de hora da segunda parte. Machado, o guarda-rédes vimarense, chocou com o avançado-centro portuense e abandonou o campo para receber tratamento. Passado pouco tempo, pôs Laureta o resultado em 3-2.

Um jogo movimentado

O desafio entre o Olhanense e o Unidos de Lisboa caracterizou-se pela movimentação do jogo e pela energia com que se batalhou. Houve, entre as duas equipas, um equilíbrio que se traduziu na forma como o resultado evoluiu.

(Conclue na pág. 10)

Todos os meses se vendem

PRÉMIOS GRANDES

no feliz cambista

JOÃO CANDIDO DA SILVA

104, RUA DA PRATA, 106

Só devem comprar jô o
ne la afortunada casa

"MOCIDADE" triunfante!

JORGE DE PAIVA E PONA

— um esperançoso esgrimista — ganhou o torneio de florete de 3.ª categoria.



PAIVA E PONA

EDMUNDO FRANCO

F. P. E. existem algumas que, parece, deixaram para segundo plano a formação de novos atradores — pormenor deversas de salientar no caso do florete. O Centro Nacional de Esgrima, por exemplo, de nobilíssimas tradições na causa da esgrima em Portugal, não apresenta floretistas há muito tempo, «vivendo», uma vez por outra, no campeonato nacional daquela arma, graças à tradicional vontade e à grande classe de Henrique da Silveira.

Verificou-se desta vez serem precisamente os agrupamentos de mais recente criação que melhor e mais numeroso núcleo apresentaram. Queremos referir-nos — e fazemo-lo com sumo agrado — à «Mocidade Portuguesa» e à Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico, a primeira desenvolvendo sempre a sua notável e bem orientada acção em prol do desporto das armas, a segunda começando a apresentar, muito honrosamente, o produto de um trabalho em que há bastante de desvelada dedicação.

Ateneu, Lisboa Ginnásio e Ginnásio Clube enviaram também os seus representantes. Em menor número, é certo, mas manifestando interesse e provando que também desejam fornecer a sua cota-parte para a obra comum.

A vitória coube este ano, e com justiça, a Jorge de Paiva e Pona, um dos mais jovens e esperançosos esgrimistas da «Mocidade». Se não foi o floretista que mostrou melhor técnica, a pesar da sua correcção, foi no entanto aquele que melhor «vontade» e «cabeça» pôs nos assaltos — com jús, pois, ao triunfo.

Andrade Barreto, seu companheiro de sala, já conhecido dos torneios de sabre, notou-se pela energia com que combateu. Ser-lhe-ia muito proveitoso continuar a cultivar o florete. Hábil como é, vê-lo-lamos ainda como jogador forte desta arma.

Nuno Maya, conduzindo agora os seus encontros com maior segurança que no anterior torneio, esteve a pouca distância do vencedor. Isto diz das suas possibilidades e confirma o que de si escrevemos há dias.

Edmundo Franco ficou relegado para um quarto lugar — que não merecia, visto não representar o prémio justo da sua exibição. Começa a ser autêntico floretista, de golpes clássicos, a espaços até de primorosa execução, como todos viram com prazer. Foi o melhor floretista deste torneio — e nisto reside o melhor elogio.

António Coito, que revela qualidades, apresentou-se mal preparado. Enes Ferreira, igualmente com intuição de sublinhar, não está ainda convenientemente trabalhado na sua nova feição de esquerdo. Raul Worm, que fizera uma boa eliminatória, não manteve a mesma regularidade na final. Madeira Pinto teve na situação de finalista a compensação da sua vontade — e no último posto o reflexo da sua ainda pequena experiência.

Fizemos referência, no nosso último número, a propósito da taça «Avelar Machado», a todos os atradores que ficaram também excluídos nas «poules» eliminatórias desta

(Continua na pág. 10)

(fotos Nunes d'Almeida)



Os oito finalistas do torneio

Os adeptos do «golf» — modalidade que nos últimos tempos tem conquistado muitas simpatias entre os portugueses — puderam na última semana assistir, no excelente campo do Estoril, à mais importante competição da temporada: o encontro entre as seleções de Portugal e Espanha, levado a efeito pela terceira vez.

O resultado é já conhecido: os jogadores do país vizinho ganharam a pugna e só o contrário poderia constituir surpresa. A sua classe mostrou-se mais uma vez superior à dos portugueses. Uma diferença de quatro pontos (oito dos espanhóis contra quatro dos portugueses) ficou a assinalar o que foi o comportamento de cada uma das equipas.

Para os leigos em assuntos de «golf» só estes dois algarismos — 8 e 4 — podem servir para as suas apreciações. Estamos a ouvi-los, criticando desfavoravelmente o valor dos nossos briosos representantes e desportistas da melhor tempera. Os que assim procedem são simplesmente injustos.

É indispensável, primeiramente, ter em atenção o desenvolvimento atingido pelo «golf» em Portugal e em Espanha. Só assim será possível aquilatar com justiça do comportamento dos jogadores nacionais, das suas possibilidades, etc. Depois, é preciso conhecer o jogo para através dos resultados técnicos que contribuíram para a atribuição de pontos se verificar que alguns dos encontros decorreram com certo equilíbrio, outros foram ganhos pelos espanhóis com apreciável vantagem, tal como alguns portugueses ganharam folgadoamente.

Em conclusão, podemos afirmar que o resultado não deve ser considerado deshonroso para as cores nacionais. Quando se perde dando a replica que os nossos jogadores souberam dar, não se sai deminuido da luta. E, sobretudo, não se deve esquecer o conjunto de circunstâncias que prejudicam a expansão e progresso técnico da modalidade.

Os dedicados praticantes do «golf» em Portugal lutam com um sem número de dificuldades; não é só a falta de material e transportes para o treino assíduo, mas também a ausencia de adversários valorosos.

Ao falarmos do Portugal-Espanha em «golf», disputado no Estoril, devemos relegar o resultado para plano secundário, pondo em evidencia a utilidade da competição e as qualidades e possibilidades reveladas pelos jogadores portugueses. Inegavelmente, só o contacto com adversários de melhor classe pode contribuir para a valorização do nosso «golf».

Confieemos, portanto no futuro dos nossos jogadores.

Os jogadores nacionais, seleccionados pelo Conselho Técnico do «Golf do Estoril», foram os seguintes: Visconde de Pereira Machado, Manuel Brito e Cunha, João Burnay, F. Nicolau de Almeida, José Posser de Andrade, Dr. Sousa e Melo, Dr. Luís Lara e António Posser de Andrade.

A selecção espanhola apresentou-se constituída por Javier Araña, Santiago Ugarte, Augusto Battló, Visconde de Llanteno, Marcelino Botin, Genaro de la Riva, José Antonio Araña e Ricardo Gandáries.

Em pares, cada uma das equipas alcançou duas vitórias. Em singulares, os espanhóis ganharam seis encontros e perderam dois.

É grato salientar que foi contra os mais fortes jogadores espanhóis que os três primeiros portugueses fizeram melhores resultados. A derrota do Visconde de Pereira Machado tem de aceitar-se como natural... porque o seu adversário se chamava Javier Araña.

José Posser de Andrade e Dr. Sousa e Melo creditaram-se de duas vitórias preciosas para os números do resultado.

Diamantino Dias



(Fotos (smal))

Desportos de Cristovetes...
ESTIVERAM ESTORIL
 Os Melhores Jogadores Portugueses e Espanhóis de "GOLF"

A equipa portuguesa



As finalistas do Campeonato Internacional de Portugal, em golf: D. Katya de Andrade e D. Nuria Soller





à lareira

Todos os entusiastas de tão instrutivo passatempo como são os «Problemas de Palavras Cruzadas», podem colaborar em «A Lareira», enviando-nos as suas produções elaboradas, únicas e exclusivamente, pelos dicionários e mais livros que mencionamos abaixo.

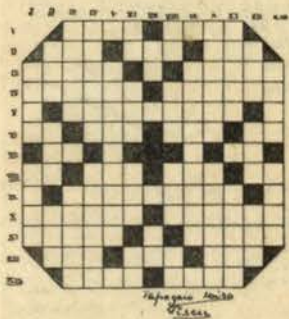
Para tal, só é preciso o tapete da apresentação a tinta da China, e o duplicado solucionado a tinta vulgar, este para nos facilitar a verificação, pois que de futuro passaremos a publicar as soluções por extenso.

O prazo para a recepção destas é de 30 dias.

Os dicionários e outros livros adoptados em «A Lareira» são os seguintes:

Cândido de Figueiredo, 4.^a Ed., 2 vol.; Fonseca e Roquete, Língua Portuguesa e Sinónimos; Francisco Torrinha, última edição; Do Povo; Sinónimos e Mitologia, de Bandeira; Mitologia, de Chompré.

PROBLEMA N.º 11



HORIZONTAIS

1 — Brenha; Honrado. 2 — Bastão; Transpira; Bórra. 3 — Isento; Sarado. 4 — O mesmo que *tarantula*; Tinta vermelha muito viva, que se extrai de várias plantas; 5 — Que tem forma de arco. 6 — Vínculo; Ama; Planta caparida do Brasil; Artigo feminino (pl.). 7 — Louca; Outra coisa. 8 — Polme; Utensílio de padejar (pl.); Tubérculo venenoso semelhante ao cunil, na Ilha de S. Tomé; O mais. 9 — Fonte. 10 — Pilho; Árvore da Guiné Portuguesa; 11 — Poente; Ramo de flores artificiais formado de pedras finas, para enfeites de toucados. 12 — Intimo; Garfo; Cordel. 13 — Atitude; Sorrias.

VERTICAIS

1 — Grei; Graça. 2 — Padre; Princípio; Príncipe. 3 — Rumina; Igual. 4 — Fundadora; Ovelheiro. 5 — Que oscila. 6 — Art. m. (pl.); Interj. de quem repreende; Existem; Parte mais larga e carnuda da perna das reses. 7 — Único; Macho. 8 — Longe; O mesmo que *Cóio*; Planta oxalídea do Brasil; Viração. 9 — A parte carnuda das folhas. 10 — Assustoso; Anagrama de *faísão*. 11 — Laço; Espécie de lemur indiano. 12 — Acrescentei; Labareda; De maneira nenhuma. 13 — Ombrós; Pessoa célebre.

Stadium

na Capital do Norte

GALERIA DOS NOVOS

FARIA A nova vedeta do F. C. do Pôrto focada pela "Stadium"

COMO nós, deve o leitor ter reparado naquele rapazito moreno, endiabrado, constantemente na brecha, que o F. C. do Pôrto tem apresentado à direita da sua linha de ataque. A ele ficou devendo o empate com a Associação Académica — e a ele tem ficado devendo também alguns dos melhores lances do seu grupo nos jogos do campeonato que decorre.

Duro, não fugindo à luta, quando ela é precisa ou inevitável, o seu lugar tem sido desempenhado a contento, tanto mais que o F. C. P. dificilmente teria achado tão bom substituto de Pratas.

Chama-se Faria.

Será um «nome» que desperta?

Como tantos outros que modestamente se iniciaram nas lides futebolísticas, Manuel Rodrigues Faria principiou, singelamente, num clube pobre dos arredores da cidade. Tinha 16 anos quando ingressou na categoria de honra do Lusitano de Pedrouços Atlético Clube, simpático agrupamento da Areosa, mas pertencente ao Concelho da Maia. Seguiu lá, durante dois anos, as lições de Aires, do Sport Progresso, orientador da equipa, tendo ocupado a extrema esquerda do ataque.

Alí o conheceu José de Almeida, então director do Sporting Clube da Cruz, que o levou para este clube e onde fez uma época.

Mas o seu desejo era grande e a

sua vontade indómita. Queria ser alguém no futebol portuense, e, assim, resolveu oferecer-se ao F. C. do Pôrto. Começou a treinar — e tão boas ou tão más provas deu da sua competência e dos seus conhecimentos que alinhou pela categoria de «Reservas» durante uma época.

Na que decorre, começou a jogar em segundas categorias. Mas a série de precalços de que tem sido vítima o campeão nortenho e a falta de elementos para organizar a categoria de honra, levou Coelho da Costa a fazê-lo alinhar no jogo do Campeonato Regional disputado contra o Leixões, no Campo de Santana, jogo esse que foi anulado por protesto apresentado pelos «azul-brancos». Tem feito ultimamente todos os jogos que o F. C. P. tem disputado no Campeonato Nacional da I Divisão.

As obrigações do serviço militar — é soldado em Infantaria 6 — não permitiram que fosse à capital tomar parte no célebre encontro com o Benfica. É amador. Não tem proventos de qualquer espécie. Entre os amigos que conta dentro do clube da Constituição distingue Joaquim Correia da Silva.

Tem sido a crítica unânime em considerar Faria como jogador de futuro.

Combativo, denodado no ataque e esforçado quando a defesa vacia, este rapaz — tem só 21 anos — promete, se os seus recursos forem bem aproveitados, desempenhar papel primordial no seu grupo.

Pratas vai regressar.

Para onde passa Faria?

Recordamos que o seu lugar é o de extremo esquerdo, para o qual o F. C. P. não tem, actualmente, candidato mais recomendado.

Claro que com estas palavras não pensamos interferir nas decisões de quem de direito.

O nosso papel é, momentaneamente, o de observador.

M. A.

Coisas & Loisas

DIVAGAÇÕES

Não sabemos se sucederá o mesmo com toda a gente.

Para nós, é um suplicio crescer com 38^o, 5 de febre, sofrendo as influências de uma gripe teimosa, marca «3^o back» ao lado do avançado centro inimigo...

Daí o não podermos fazer qualquer comentário à nossa local «Esperança», publicada no último número.

Resta-nos, no entanto, a satisfação de não só adivinharmos uma tentativa de recuperação do F. C. do Pôrto, como ainda de termos acertado, depois das derrotas sofridas, com o futuro comportamento do nosso campeão.

Vai agora a Guimarães defrontar-se com o seu mais directo rival. O Vitória tem moral, joga em casa, tem o seu público, e quem já viu

"Stadium" e a Província

A nossa revista começa hoje a publicação de diversas notícias da província, pequenas, todas, em virtude da falta de espaço com que lutamos. Aproveita-se para chamar a atenção dos correspondentes, pois o espaço limitado de que «Stadium» dispõe para este noticiário impõe-lhes a condição de o fazerem resumidamente.

*

GUARDA — Acaba de fundar-se nesta cidade a Associação Académica da Guarda, filial número nove da Associação Académica de Coimbra. Apetecemos-lhe longa vida.

LOUROSA (Feira) — Deslocou-se para Sandim o Lusitânia F. C., que ali foi disputar um encontro de futebol com o grupo local. Ao intervalo estava-se em 0-0, mas no segundo tempo os visitantes fizeram três «goals», sem resposta, por intermédio de Zéca (2) e Leal.

MONTEMOR-O-NOVO — Começou a disputar-se o torneio de ténis de mesa (1.^{as} categorias) do Grupo União Sport. Na final de 2.^{as}, Pontes Romeiras venceu Valério Salgueiro por 21-16, 14-21 e 21-19.

PENICHE — O Grupo Desportivo de Peniche foi apurado vencedor da série 9 do Grupo C, no Campeonato Nacional da II Divisão, sem nenhuma derrota. Depois de ter ganho dois jogos em casa e empatado outros dois nos campos dos adversários o G. D. de Peniche totalizou 6 pontos, contra 4 do Caldas Sport Clube e 2 do G. D. «Os Nazarenos» e o «score» de 12-6.

Superiormente orientado pelo jogador Bernardo Soares (ex-Belezenenses e ex-Atlético) seu actual treinador e jogador, o G. D. de Peniche aguarda com muito interesse e confiança o seu próximo jogo. É de louvar a forma correcta como este grupo sempre se tem conduzido em campo, concorrendo assim grandemente para a causa do desporto, tal como o entendem as entidades superiores, e é o desejo de todos.

*

Na impossibilidade de o fazermos separadamente a cada um dos clubes — a quem pedimos indicação de individualidades para o desempenho de cargo do correspondentes — agradecemos, de maneira geral, a todos quantos tiveram a gentileza de nos fornecer as informações pedidas.

jogar o Vitória na sua terra sabe o que isso representa.

Vencedores do F. C. do Pôrto perderam ou empataram na terra de Afonso Henriques.

Mas o F. C. P. precisa de sair de lá vitorioso, para enfrentar com mais serenidade os seus futuros adversários.

É grande a tarefa, estupenda a luta a travar. Nunca o F. C. P. abateu a sua bandeira no norte do País.

Será desta vez?

Tudo depende de um acaso, de um incidente. Se ele se der... mal vai para o clube portuense.

R. A.

Duas exposições

A PROXIMA-SE a primavera e com ela uma nova época de campismo — a magnífica modalidade desportiva que, mesmo no decorrer do inverno, acusou animada actividade.

O ambiente à volta das práticas campistas podemos-lo considerar de bom, o que faz prever a continuidade do progresso verificado de norte a sul do país. Melhores e mais acampamentos não-de realizar-se, pois que o número de grupos de campismo e de campistas aumenta por forma a esperar-se, não só progresso, como um maior brilho na próxima época.

Ao mesmo tempo que se nota esse magnífico movimento le interesse pelas práticas campistas, não abranda o entusiasmo em procurar intensificar o gosto por tão bela e salutar modalidade.

A exposição que o Clube Nacional de Campismo vai realizar em colaboração com o Secretariado da Propaganda Nacional, pretende mostrar ao público, de maneira geral, o que é o campismo e como se deve praticar, pois, através das diversas secções que constituem a exposição, poderá avaliar-se quanto este desporto contribui para o desenvolvimento físico de uma raça e do turismo de um país.

A exposição divide-se em três secções: Campismo — Movimento associativo e Comércio.

O primeiro grupo será apresentado através das suas diversas modalidades: p. destre, ciclo, náutico, neve, etc.

Cada uma destas modalidades será equipada com o material necessário e de recente construção.

O ciclo-campismo será apresentado com atrelados cedidos pelo seu construtor, o desportista sr. Helder Cunha; o campismo-náutico com barcos modelo «Kayak», construídos pela comissão técnica do clube, e no campismo de neve poder-se-á apreciar uma tenda isotérmica.

No segundo grupo da exposição — campismo fixo ou de férias — estará montado um acampamento com todo o material necessário.

A exposição tem uma característica interessante. É que todo o material exposto será confeccionado com produtos exclusivamente nacionais, por forma que se avale das facilidades de construção do material campista em Portugal.

Na exposição haverá ainda secções de caça, pesca e alpinismo, desportos que estão intimamente ligados ao campismo.

Uma vasta bibliografia campista, fotografias e elucidativos mapas e gráficos, demonstrando a actividade dos grupos de campismo e da sua contribuição para o desenvolvimento de tão útil desporto, completará a exposição, a efectuar em Lisboa, Porto e Coimbra.

Igualmente o Ateneu Comercial de Lisboa, a exemplo do que fez no ano passado, está organizando uma outra grande exposição.

Os seus salões serão ocupados na demonstração das várias actividades de campismo. No seu salão de festas terá lugar uma larga exposição bibliográfica e fotográfica, na qual figurarão legendas, com frases de conhecidos educadores e escrito-

Os projectos do Sporting para o corrente ano

PROSEGUINDO na série de artigos tendentes a revelar aos seus leitores o que vai ser a próxima época tenística, Stadium dá hoje a conhecer os projectos do Sporting.

A direcção do popular clube confiou — e em boa hora o fez — a sua progressiva secção a um elemento sobejamente conhecido não só no meio sportinguista, mas também no desporto lisboeta.

Carlos Queiroga Tavares — assim se chama esse dedicado «leão» — tem desempenhado com grande



Carlos Queiroga Tavares

competência e imparcialidade os numerosos cargos para que tem sido escolhido.

Com tão bastas e satisfatórias provas dadas, não se pode duvidar de que a secção de ténis do Sporting esteja bem entregue.

O deplimento de Queiroga Tavares reveste-se, por isso, de grande interesse. Praticante da modalidade, ninguém melhor do que ele a poderia manter dentro do clube que em Lisboa dispõe das melhores instalações tenísticas.

Situação próspera

O nosso entrevistado principia por nos dizer:

— A secção de ténis do meu clube tem presentemente situação de-

res, sobre os méritos do campismo e a necessidade da sua divulgação entre as classes populares, realizando-se ainda uma série de conferências.

Para encerramento da exposição, a secção de campismo do Ateneu, colaborando com outros grupos, promoverá um grandioso «fogo de conselho».

O início da nova época de campismo é assim assinalado com duas valiosas organizações de propaganda.

Código do Campista

2.º: Correção. — O campista usa sempre a melhor educação e afabilidade para com a gente do campo e para com os companheiros de acampamento e tem sempre em vista manter o prestígio e o bom nome do seu clube.

(Do Clube Nacional de Campismo)

safogada. Com a organização actual não deve verificar-se «défice» no fim da gerência.

E sem que o interrompamos, continua:

— Os nossos «courts» continuam a registar frequência apreciável, a qual se deve em parte à sua boa construção, que permite serem utilizados pouco tempo depois de chover.

Se houver bolas...

Manifestado o nosso desejo de conhecer o programa de organizações, Queiroga Tavares prontamente satisfaz a nossa curiosidade:

— Só a falta de bolas tem impedido a realização de algumas provas, contra os nossos desejos. Todavia, tencionamos dar, em breve, início aos campeonatos do clube. E, logo que a aquisição de bolas seja mais fácil, faremos disputar as taças «Serra e Moura» e «Gama Lobo», em merecida homenagem a estes dois dedicados sócios do clube, a quem o ténis muito deve.

Muitos e bons jogadores

Falando-se a seguir da representação do Sporting nas provas de ténis, o nosso entrevistado revelou-nos os nomes dos jogadores de que o clube dispõe.

— Temos muita gente. Que me lembre, de momento, contamos com Mary Mota, Heloisa Mota, D. Maria Palmira Amado Mendes de Almeida, Margarida Campos de Andrade, Serra e Moura, António Bóter, Gama Lobo, Campos de Andrade, Manuel Serradas, Mendes de Almeida, Dr. Oliveira Pinto, Jaime Quintana, José Gonçalves, Dr. Mesquita e Carmo, Melo e Silva, Carlos Rau e outros.

E logo a seguir:

— Voltaremos a ter junto de nós o nosso prezado consócio Carlos Costa, que já nos prometeu a sua colaboração, embora condicionada às suas disponibilidades de tempo.

Palavras de agradecimento

Não ficaram por aqui as palavras de Queiroga Tavares. Adivinhando-lhe o desejo de nos dizer mais alguma coisa, deixámo-lo prosseguir.

E pudemos, então, saber da sua satisfação pela iniciativa do C. I. F. e do Lisgás, dotando Lisboa com um «court» iluminado. E a concluir:

— O Sporting foi convidado para o torneio inaugural da iluminação e dele saíu vencedor. Peço-lhe que transmita aos dois clubes os nossos agradecimentos pelas atenções recebidas e as nossas felicitações pelo valioso empreendimento. Para os jogadores que tão bem nos representaram vai igualmente o nosso sincero reconhecimento.

E à despedida, diz-nos ainda:

— Não poderia deixar de agradecer à Stadium a sua gentileza, permitindo que os nossos projectos sejam divulgados.

EM LISBOA...

NA sexta-feira e no sábado últimos continuou a disputar-se, nos vários campos para isso designados, o campeonato de «volley-ball» da Ala 2 da «M. P.» — a competição que maior número de filiados abrange. E esta, aliás, uma das mais interessantes características do torneio e que justifica em absoluto o interesse crescente com que está sendo disputado.

Dado o grande número de equipas concorrentes, é ainda cedo para indicar, de forma segura, quais serão os grupos mais apetrechados.

Com mais algumas jornadas voltadas é de esperar que o possamos, então, fazer.

Em virtude das férias do Carnaval, não se disputaram no último domingo os jogos respeitantes ao campeonato de futebol da Ala 2, o qual continua no sábado e domingo próximos.

...E NA PROVÍNCIA

Por todo o país, a «Mocidade Portuguesa» desenvolve a sua acção, estimulando a actividade física dos filiados e promovendo torneios e campeonatos.

Assim, na ala de Viseu, acaba de disputar-se um animado campeonato de «volley-ball», para os escalões de «vanguardistas» e «cadetes».

Na ala de Portalegre está, presentemente, disputando-se o campeonato de futebol, que reuniu a inscrição de quatro equipas, a saber: Centro Extra-Escolar 1, Asilo Santo António e os grupos representativos do Liceu e da Escola Industrial de Portalegre.

De momento, os rapazes do Centro Extra-Escolar 1 comandam a classificação, havendo grande interesse pela prova.

E para terminar, anunciemos mais um campeonato organizado pela «M. P.» na província: o de «volley-ball», da Ala 4.

Cartões de livre transito

Registamos as ofertas de cartões de livre entrada da Associação Académica da Amadora e do Sport Algés e Dafundo.

Os nossos agradecimentos.

Casa de Câmbio
TESTA
Sucessores
Castello & Diniz, L. da
Câmbio's
Lota'rias
Papéis de Crédito
Rua do Arsenal, 74
LISBOA

DRIVE

Vasco arrebatada com artojo a bola dos pes de rogeiro



Teixeira, com um estudante à ilharga, não pode dificultar a acção de Vasco



Micael, "keeper," improvisado, defende a sóco um ataque perigoso do activo Teixeira



Vasco consegue desviar para "canto," na altura própria

O «Carnaval Desptivo» apreciado por Colago, nosso colaborador astico: um «côtso» alegre e moço, que este ano ni desfilou pelas ruas mas esteve «em casa», que como quem diz: muito medido consigo!...



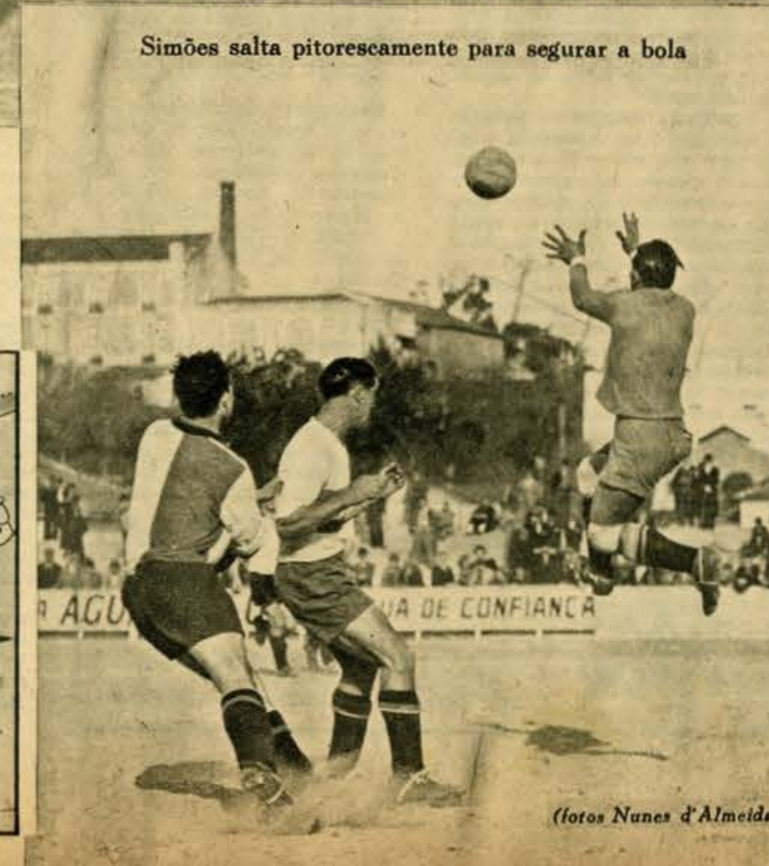
CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

BENFICA e BELENENSES *concluíram* 1ª VOLTA

À FRENTE DA CLASSIFICAÇÃO COM IGUAL NÚMERO DE PONTOS



A técnica de Mourão sobressai sempre, mesmo nas mais esforçadas passagens. A foto mostra-o numa das suas belas atitudes



Simões salta pitorescamente para segurar a bola



Curiosa máscara de Peyroteo num momento de esforço

(fotos Nunes d'Almeida e Ismael)

O ATLETICO voltou à situação de "leader" do campeonato de Lisboa

COM a segunda derrota do Benfica, desta vez consentida diante do Carnide, o torneio lisboense ganhou em interesse. E o benefício imediato do triunfo carnidense foi inteiro para o Atlético, que regressou à posição de «leader».

Os resultados completos da penúltima «saída» da primeira volta foram os seguintes:
 Belenenses-Ateneu, 45-20 (24-8); Atlético-Algés, 51-35 (18-10); Unidos-Sporting, 45-20 (23-10); Maria Pia-R. Sêco, 34-30 (18-12); Carnide-Benfica, 31-26 (13-14); Campo de Ourique-Lisgás, 29-29 (17-10).

Apontam-se entre parêntesis os «scores» ao intervalo.

Como nota mais importante da jornada pode referir-se a derrota do Benfica, inesperada e somente justificada pela reacção dos carnidenses no segundo tempo e pela descrença do ex-«leader», a seguir a dois pontos de Cruz, que modificaram por completo o ânimo dos jogadores. E como faltavam poucos minutos para o final, o Carnide soube aproveitar-se muitíssimo bem da oportunidade.

O empate dos ouriqueenses com o Lisgás está em segundo plano, bem como os triunfos que o Belenenses e o Unidos alcançaram, respectivamente sobre os acelistas (em período de recuperação) e o Sporting. Também merece referência a oposição do Algés aos alcantarenses, especialmente na primeira parte. O Rio Sêco continua a ocupar a pouco invejável última posição — mas desta feita, contra o Maria Pia, o «team» lutou com infelicidade, sobretudo depois do intervalo.

Nas categorias inferiores sobressai a actuação do Algés (3.^{as}) e Belenenses (4.^{as}) — contando por triunfos os «matches» disputados. Em 2.^{as} o Atlético é «leader» com três pontos perdidos — tal como na equipa de honra — seguido de Lisgás e Carnide.

Classificação em «teams» principais:

	J.	V.	E.	D.	P.
Atlético (2).	10	8	1	1	398-300 27
Unidos (3).	10	7	2	1	401-281 26
Benfica (7).	10	8	2	4	408-260 26
Belenenses.	10	6	3	3	326-278 23
Lisgás (6).	10	5	4	3	318-301 21
Carnide (7).	10	5	5	3	313-291 20
Algés (5).	10	5	5	3	369-347 20
Campo Ourique (9).	10	3	2	5	246-322 18
Ateneu (8).	10	3	1	6	312-402 17
Sporting.	10	3	7	7	270-378 16
Maria Pia.	10	3	3	7	307-361 16
Rio Sêco	10	—	10	—	247-293 10

Os números entre parêntesis referem-se à posição dos clubes na «ronda» anterior. O Benfica está em 3.^o lugar (com igual número de pontos do Unidos) por ter perdido o «match» com os unidistas; o mesmo sucede com o Algés e o Maria Pia, derrotados pelo Carnide e Sporting.

Benfica e Unidos são os únicos «teams» que atingiram a «casa» dos quatrocentos pontos.

O campeonato só volta a disputar-se no dia 14, aproveitando-se o interregno para a final do «Torneio dos Oito», em duas jornadas: amanhã e sábado, entre F. C. do Pôrto e Belenenses

ESGRIMA Campeonato Nacional de Futebol

(Conclusão da pág. 4)

prova. Resta, por agora, citar Bravo Telo, da «Mocidade», que necessita trabalhar, para poder colocar-se em posição que esteja de harmonia com a habilidade que revela; e Felisberto Coito, do Lisboa Ginnásio, que se apresentou nitidamente fora de treino.

Para arquivar: Classificaram-se na final: 1.^o, Jorge de Paiva e Pona, da «M. P.», com 6 vitórias e 1 derrota; 2.^o, Andrade Barreto, também da «M. P.», com 5-2 e 19 toques recebidos; 3.^o, Nuno Maya, do I. S. T., 5-2, 24 t. r.; 4.^o, Edmundo Franco, da «M. P.», 4-3; 5.^o, António Coito, do L. G. C., 3-4, 26 t. r.; 6.^o, Enes Ferreira, da «M. P.», 3-4, 20 t. r.; 7.^o — Raul Worm, do G. C. P., 2-5; 8.^o, Madeira Pinto, do I. S. T., 0-7.

Sentimo-nos no dever de chamar a atenção da F. P. E. e das salas de armas para o latente problema dos jurís. E parece-nos, salvo melhor solução, que chegou o momento de encerrar a necessidade de determinar a obrigatoriedade da nomeação, por parte daquelas salas, de delegados expressamente escolhidos para seus representantes nos referidos jurís — não com a função de «proteger» ou «velar» pelos seus concorrentes, como por erro pensam alguns, mas para que o presidente designado pela Federação possa escolher livremente e constituir um grupo de assessores que o auxilie de acordo com as necessidades do seu ingrato encargo.

Continuar como até aqui — é pernicioso, sob todos os pontos de vista.

AVELAR MACHADO

Torneio de 2.^{as} categorias de Florete

Devido a não ter registado o número regulamentar de inscrições, a F. P. E. resolveu adiar a disputa desta prova.

O SEGRÊDO DO ANÚNCIO

Certo jornalista filósofo dizia que o anúncio para produzir efeitos desejados deve aparecer pelo menos dez dias no mesmo lugar.

As conclusões serão as seguintes, diz ainda:

A primeira inserção do anúncio, o leitor não o vê. A segunda o leitor vê-o, mas não o lê. A terceira, lê-o. A quarta, informa-se do artigo recomendado. A quinta, fala, com os seus conhecidos, do artigo recomendado. A sexta, propõe-se comprar o artigo anunciado. A sétima, compra-o. A oitava, fala da qualidade do artigo aos seus amigos. A nona, os amigos falam às mulheres sobre o produto. A décima, as mulheres, se se trata de meias, dizem a todo o mundo que quem vende, pelos melhores preços, as melhores qualidades, é o Rei das Meias, no Largo da Abegoeira, 32, Lisboa.

(Conclusão da pág. 3)

O Olhanense fêz 1-0; e o Unidos empatou. O desempate a favor dos lisboenses teve resposta rápida. E, quando surgiu o intervalo, havia novo empate (2-2).

Rebêlo passou, depois, para 3-2. O Unidos jogou francamente ao ataque, no princípio da segunda parte. O trio intermediário forçou a condução do jogo, com Carlos Pereira em grande plano. O resultado pareceu feito, com o 3-2. Mas os algarvios, apoiados por um público entusiasta, criaram ânimo para não parar com o terceiro empate da tarde. O último minuto da partida deu a Cabrita ensejo para fazer outro desempate.

O Unidos deu a impressão de poder vencer este desafio. O Olhanense soube, porém, ganhá-lo na embalagem final. Foi mais oportuno.

FELISBERTO SILVA

TRINTA e um desafios se disputaram no último domingo, correspondentes à nona jornada do Campeonato Nacional da II Divisão.

Dum modo geral não se registaram surpresas nem as possibilidades dos concorrentes sofreram desmentido. Desta vez os maiores «scores» — 12 a 0 — foram obtidos pelo Vila Real e pelo Estoril Plage.

Vejamos, de relance, a nona «ronda»:

Grupo A

Sp. Limarense-Gil Vicente, 0-3; Vianense-Famalicao, 1-4; Vizela-Vitória (R.), 3-1; Sp. Fafe-Sp. Braga, 0-2; Candal-Coimbrões, 6-2; Valadares-Gaia, 1-7; Vilanovense-Avintes, 5-1; F. C. Pôrto (R.)-Ramalense, 3-1; Leixões (R.)-Esp. Aves, 2-0; Académico-Boavista, 3-3; Leça-Sp. Cruz, 7-1; Vila Real-Infesta, 12-0.

Desfêz-se a companhia do Candal e Coimbrões e o Académico interrompeu a série de vitórias. Quasi todos os desafios tiveram resultados que não deixam margem para dúvidas quanto ao mérito da vitória.

Grupo B

Resultados: Calhabé-Santa Clara, 1-1; Sport-União de Coimbra, 1-4; Naval-Académica (R.), 6-0; Travanca-Vouzelenense, 1-0; Covilhães-Sp. Covilhã, 0-6; S. L. C. Branco-S. L. Covilhã, 4-1.

«Leaders»: União de Coimbra, Académico de Viseu e Sporting da Covilhã.

Grupo C

Resultados: Águia Vilafranquense-Alhandra, 0-4; Operário-Sacavenense, 2-1; Belenenses (R.)-Atlético, 2-2; S. L. Olivais-Marvilense, 3-2; Estoril Praia-Chelas, 12-0; Amora-Luso do Barreiro, 3-3; Benfica (R.)-Seixal, 4-2; Bar-

Cinzas do desporto...

Isto, hoje, é noutro jeito, com predicado e sujeito, p'ra fazer boa oração!!! A «quadra» é... de reinação e alegria permanente, haja, embora, muita gente que não pensa como nós... Neste Carnaval... «atros», que p'ra trás de nós ficou muito e muito se gozou!!!

Vimos num acôrson famoso (mas que sonho... tão ditoso!) muita gente conhecida a fingir de presumida... O Benfica ia à «cachola» do campeonato da bola todo ufano, sem parceiro; e agora... tem companheiro!!! Ouvi-lhe eu, atê, dizer: — Só nos faltava perder no campo da Boavista para aumentar mais a lista... Mas o «leão», mais humano, gritou logo, logo, assim:

— Tenha paciência, mano, porque não é só a mim que sucedem tais percalços... Nisto, um «garoto da praia», que trazia os «pés descalços», diz, então: — Que forte ubaian!!! Mas atrás ia um... «tripeiron» muito triste, a murmurar: — Pois a mim, que fui primeiro, nem sequer me ouvem queixar!!!

Passa por mim, a correr, um grupo de foliões.

E eu pergunto aos meus botões: — Que é que êles 'stão a fazer?!

E gente do Estoril... «que também foi ao «barril» com os do «golfo» espanhol!

Não foi só no futebol que «êles» ficaram a ganhar, mas no «golfo» e no bilhar!!!

Já passou o acôrson todo e nenhum foi no engodo deste pobre Carnaval!

Para remate final restam «cinzas» do Entrudo (velho triste e alquebrado, que é trôpeg) e quasi mudo!

E que pertenc: ao Passado...

ZÉCAS TLÃO

reirense-Unidos (R.), 3-0; Aldegalense-Fósforos, 2-3; Casa Pia-Vitória, 1-7.

De notar: a vitória do Alhandra, pela sua nitidez; o embate entre os «azuis» e o Atlético, a beneficiar dos estorilenses; a primeira vitória do Olivais, que já pôde jogar no seu terreno; a facilidade da vitória do Estoril sobre um Chelas desfalcado; a vitória do Barreirense, decisiva para as suas aspirações; e a copiosa derrota dos casapianos.

São favoritos, nas várias subdivisões: Alhandra, Estoril, Barreirense. O Vitória, de Setúbal, está já apurado.

Grupo D

Neste agrupamento, só os clubes algarvios estiveram em acção. Como habitualmente, não se registaram «scores» desnivelados.

Resultados: Lusitano-Sp. Farense, 1-1; Sporting Olhanense (R.)-Glória, 2-0; S. L. Faro-Louletano, 3-2.

A reserva do Olhanense continua a dar muito conta de si, evidenciando regularidade. E, desta vez, aproveitou do empate da jornada para se isolar no primeiro lugar.

ZÉ DO PEÃO



Bicicleta «FLECHA»

A QUE TODOS PREFEREM

A ILUMINANTE

Av. Almirante Reis, 6 — LISBOA

COELHO da Costa abandonou o F. C. do Pôrto. O facto presta-se para mais uma vez lembrar os perigos a que estão sujeitos os dirigentes dos clubes quando as coisas não correm pelo melhor.

Ora, o F. C. do Pôrto não anda por caminhos errados, apenas, desde há meia dúzia de meses. Pelo contrário — vem de há alguns anos o erro na sua direcção.

A tal sentença do grande épico, que afirmava ser mais fácil subir o outeiro do que descer-lo, mais de uma vez se confirma... O F. C. do Pôrto lançou-se há anos em desabalada correria de prestígio (1), para se alcançar em destacada posição no futebol nacional. Fê-lo, porém, por errada visão de um aguerriado grupo de dirigentes, pelo pior processo — com o sacrifício das boas vontades que devia conservar a sua volta. Entretanto, olvidou o que lhe competia no plano geral interno — que não há homens vestindo casacos com quatro mangas nem os homens de gênio andam para aí aos pontapés. Daqui, dois prejuízos: o que voluntariamente obteve desprezando a serena e apagada vida dos que trabalham para não ser vistos, mas que trabalham, e o outro, o da guerra que abriu com muitíssimos dos que hoje, que mais não seja por capricho, se mostram indiferentes às suas desditas de grande clube em muito maiores dificuldades...

A posição do Sporting de hoje lembra-nos a do Belenenses de há oito ou dez anos, quando viu vencidos pela idade os melhores jogadores da agremiação — alguns deles artifices de jornadas que ficaram célebres.

Soeiro e Pirezza envelheceram. Peyroteo sofre de doença moral e física, e é uma sombra da esfera que já foi. Cruz — parece um desiludido. E daquele famoso quinteto que um camarada distinto quisermos de realidade única, resta Mourão — um outro velho...

Simplesmente não têm que esfregar as mãos os de cores adversas. O Sporting faz falta — como grande clube que na verdade é. E os clubes grandes não são coisa que se arranje por esse mundo de Deus com a facilidade com que muita vez se escangalham...

Por isso se deve desejar o seu rápido regresso à boa vida...

No Pôrto lavra o desalento. A quinzena que findou serviu para coleccionar derrotas que a equipa jamais sofrera em condições semelhantes — e essas derrotas geraram a descrença, o desalento...

Contudo, tais derrotas não foram nem consequência de notória inferioridade da equipa nem referência vincadamente segura de melhoria dos vencedores.

Quanto a nós, as derrotas recentes da magnífica equipa nortenha são consequência, apenas, de um trabalho de fundo que, oportunamente, deixou de realizar-se — por o clube haver sido preso de uma corrente dirigente que o lançou por caminhos ingloriosos...

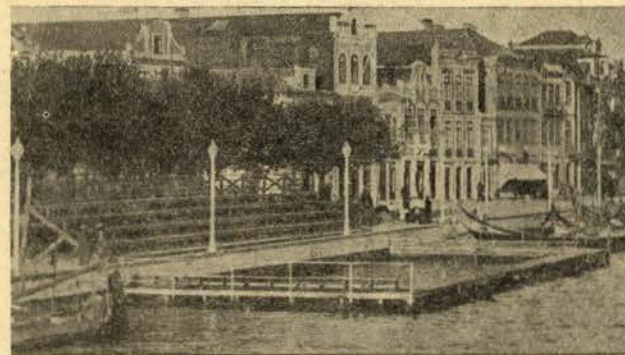
Mas nem tudo são maus ventos... Para as bandas dos algarvios vive-se a época entusiástica dos tempos do Tamanheiro que há pouco desapareceu — e, parece, não é

Algumas notas sobre o que se tem feito e pode fazer-se

ENCONTRAMOS, recentemente, no nosso colega «Os Sports», pela pena do seu correspondente no Pôrto, nosso antigo camarada Luis Martins, uma notícia que pode ser de grande interesse para a natação — naquela cidade e no país. Segundo a notícia em referência, a Câmara Municipal do Pôrto estaria disposta a improvisar uma piscina, no Palácio Cristal. Fala Luis Martins numa despesa de três ou quatro centenas de contos. E uma despesa destas não é, na verdade, impeditiva.

O Palácio de Cristal é um dos melhores parques ou logradouros da capital do norte, sendo ao mesmo tempo um excelente recinto de diversão. Tem, por isso, a simpatia do público cidadão. Nestas con-

dições, não deve ser difícil fazer carrilar o público para festivais de natação. E, como condições naturais para facilitar a construção de uma piscina, dispõe de um lago — e de água.



Um aspecto da piscina armada no canal central de ria de Aveiro

Tudo isto contribuiu para permitir que os campeonatos de Portugal de 1942 se disputassem no próprio lago. E no mesmo local se tem organizado provas de natação, em mais de um ano. Não é certamente um local ideal, tal como se encontra. Mas é local de fácil adaptação para uma piscina de recurso, até à sua substituição por outra melhor e mais ampla.

A resolução do problema da falta de instalações portuenses para a disputa de provas e prática regular da natação, que há anos se procura resolver na capital do norte, depois de inutilizada a piscina do Carvalhinho, anda à volta de uma solução fácil. Esta solução revelada agora seria fácil, simples e barata. Bastava — de momento. E chegaria para dar novos horizon-

tes e facilidades de progresso à natação local.

Em reforço destas observações, vem a propósito anotar que em Portugal se tem recorrido algumas vezes a soluções como a que se pode encontrar agora no Pôrto. Em todo o país, são poucas as piscinas-estádios. Própriamente digna deste nome, há, apenas, a piscina do Sport Algés e Dafundo, que é a melhor da península. Mas temos outras no país, com instalações apropriadas para tal classificação — as piscinas do Estoril, Cúria, Granja, Luso e Gerez. No Luso, existem até duas — a antiga, coberta, e a nova, grande, com 50 metros de comprimento. No resto, e salvo qualquer lapso na rápida enovação do que está feito, pode-

mos afirmar que não passamos de tanques ou barragens. E neste último exemplo que devem pensar principalmente os núcleos que não dispõem de recursos próprios para a construção de piscinas grandiosas.

Apontámos, há pouco tempo, nesta revista, o exemplo magnífico de Coimbra, com a sua piscina improvisada nas águas do Mondego, piscina que é preciso renovar ano a ano. Para completar estas notas, merece referência o exemplo de Aveiro. Discutiu-se, ali, largos anos, a possibilidade de construir uma piscina de água doce. Contavam-se já algumas ofertas de cooperação e materiais. Mas o problema não tinha solução. E isso é que importava.

Optou-se, no fim, por uma solução de recurso: No mesmo local onde, ano a ano, se improvisava, à última hora, um local apropriado para a vedação da ria e limitação de pistas, fez-se uma barragem mais sólida e mais rigorosa. Surgiu, assim, a piscina do Canal, que figura na gravura com que ilustramos este artigo.

Há anos que se organizam ali provas — e há anos que esta piscina de recurso e provisória permite assumir encargos de organização para festivais de certa importância. Não é uma solução perfeita. Não é a melhor. Mas satisfaz de algum modo as necessidades locais. E o óptimo foi sempre inimigo do bom...

infundadamente que as coisas assim se passam.

Ainda bem.

Mais uma vez se confirma como é exacta a noção de quantos prezam o alargamento do Campeonato Nacional da I Divisão ao maior número de regiões possíveis. Assim o provam o caso algarvio e um outro já bastantes vezes referenciado: o de Coimbra...

M. S.

MARIO DE OLIVEIRA

EIS um grupo com muita gente despreocupada: o do Sporting! Abordámos os campeões de Lisboa, na cabina, antes do encontro com os seus velhos rivais. Desfechámos-lhes, a um por um, as tradicionais perguntas — «o que toma por bom e por mau pronúncio, antes de um encontro?»

Cruz, Pirezza e Candrio declararam-nos, terminantemente, que nada lhes traz bons ou maus presentimentos. A bola, só a bola é que decide! Isso sabemos nós. Isso o reconhecem todos. Contudo...

Mourão — Entra sempre no campo com o pé direito e nunca se esquece, nessa altura, de beijar um anel de fé que sempre o acompanha.

Daniel — Beija o filho, quando sai de casa, e ganha alento... Mas um preto que encontre no caminho provoca-lhe presentimentos... negros...

Azevedo — Ganha sempre que o filho lhe vaticina a derrota. E vice-versa...

Lourenço — Anima-se quando encontra um corcunda. Mas se vê um côxo fica apreensivo.

Manuel Marques — Tem esperanças quando vê a família bem disposta e perde-as quando se esquece dos elásticos para segurar as caneleiras.

Cardoso — Atribui poder de mascote a um vidro que se parta. Azar só tem quando se sente em inferioridade física, doente ou magoado.

Peyroteo — Como o seu «capitão», gosta de entrar no campo com o pé direito e tem saídas de umas botas, já usadas, que lhe deram quando chegou ao continente. Com elas, nunca perdeu...

Dores — O guarda-rêdes suplente fica bem disposto quando encontra todos os artigos do equipamento em ordem. A escassez de algodão toma-a por mau pronúncio.

Barrosa — Segreda-nos, finalmente, quanto é supersticioso em demasia, para confessar o que lhe dá azar ou sorte...

FUTEBOL EM ESPANHA

OS encontros da 22.ª jornada da Liga, tiveram os seguintes I Divisão do Campeonato da resultados:

Castellón, 3-Betis, 0.
Celta, 3-Zaragoza, 2.
Aviación, 1-Coruña, 2.
Espanol, 1-Barcelona, 3.
Oviedo, 3-Madrid, 4.
Bilbau, 4-Granada, 1.
Sevilha, 3-Valencia, 1.

Depois destes resultados a classificação ficou assim ordenada: 1.º, Bilbau, 32 pontos; 2.º Sevilha, 29; 3.º Castellón, 28; 4.º Valencia e Barcelona, 26; 6.º Celta, 24; 7.º Oviedo, 23; 8.º Coruña, 22; 9.º A. Aviación e Madrid, 19; 11.º Espanol, 19; 12.º Granada, 17; 13.º Zaragoza, 11; 14.º Betis, 9.

As alterações verificadas dizem respeito aos lugares intermediários. Os três da frente ganharam e os quatro últimos perderam, tornando maiores as distâncias que os separavam.

O Barcelona ficou igual ao Valencia; Celta e Oviedo permutaram de lugares, passando aquele para 6.º; o Coruña passou de 9.º para 8.º, trocando com o Aviación; e o Madrid deixou para trás o Espanol, que tem agora o perigo dos jogos de passagem.



Dois aspectos da luta entre M. França e Gonzalez



"BOXING" no COLISEU

Miguel França foi o "astro" da reunião luso-espanhola em que os pugilistas portugueses marcaram superioridade absoluta

O público amador de «boxing» tinha bem por onde escolher, pois anunciavam-se duas reuniões com intervalo de quatro dias: uma no Coliseu dos Recreios — para estrela de nova série de organizações — e outra na vasta arena do Campo Pequeno.

Afinal, somente a primeira se fez — e nem mesmo essa chegou a criar fama... Quanto à segunda, ficou-se no «projecto»! O pugilista italiano Clavari foi impedido de lutar nesta altura em Lisboa, por motivos que não importa conhecer mas que são, sem dúvida, imperiosos.

E lá se foi por água abaixo, como sol dizer-se, a tão ansiada «révanche» Clavari-Levi, mais a de Xangal-Alpañez. Contudo, eram dois bons «matches» em perspectiva.

Reportar-nos-emos, porém, à sessão do Coliseu: uma reunião de «boxing» como há muitas — e, como tantas outras, também, contrariada à última hora! Porque Calpena foi impedido de atravessar a fronteira, houve necessidade de «adulterar» o programa.

Ganhou-se com essa alteração. Gonzalez (que vinha endossado a Oliveira) teve de figurar à cabeça do cartaz com vantagem para o espectáculo. Se tem defrontado o adversário que primeiramente lhe haviam destinado (um rapaz a quem sobeja vontade mas tem ainda muito para aprender...) «aquilo» redundaria em «desastre»: ou então seria uma «pepinetra» — como diz o vulgo...

Miguel França foi o «astro» da sessão, desenvolvendo uma actividade prodigiosa. Impôs-se com autoridade, ganhando muitíssimo bem a Gonzalez. Mas não é ainda este o «boxeur» que o campeão destronado (destronado, porque, se Wilson não está no continente?!...) precisa para «convencer» toda a gente das suas reais faculdades! Dêem-lhe melhor — mas «melhor» no sentido da expressão — para que França possa, enfim, provar quanto vale. E vale muito, não tenham dúvidas.

Do «resto» só se salvou — que o espectáculo era pobrezinho! — o combate de Matos com Figueiredo, que o último ganhou! Quere dizer: a Figueiredo deram-no como vencedor... mas não ganhou!

Em suma: reunião de estreia desafortunada, que foi medíocre e teve apenas dois «matches» de agrado. Mas no «boxing» é como nos toiros e nos melões: só depois de corridos e de abertos...

Fique-nos, todavia, uma consolação: os «boxeurs» portugueses ganharam em toda a linha! Valha-nos ao menos isso!

PEDRO DE MONTALVO

A sessão que se efectuou no Coliseu dos Recreios teve pouca afluência de público, o que é justificável pelo excessivo preço dos bilhetes, mesmo para a geral...

(Continua no pág. 14)



Provas de atletismo no domingo: A chegada de Filipe Luis, vencedor do «cross», organizado pelo Atlético e um aspecto da prova. À direita: No Campo Grande, o académico Abreu Lima bate Paquete na prova de 80 metros.





Leixões-Belenenses — Em cima, Quaresma e Crista disputam a bola; em baixo, Couto arrebatava a bola a Rafael

(fotos Hermann)



Vitória-F. C. Porto — O defesa João, num "salto de anjo", salva um goal certo; Pinga remata de cabeça — sem êxito



**Olhanense-
-Unidos de
Lisboa** — A jogada que precedeu a marcação, no último minuto, do goal da vitória dos olhanenses

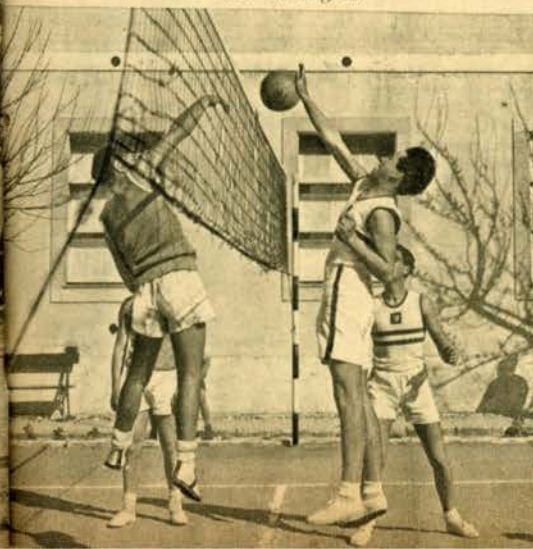
(foto E. Santo)



«Basket» no Porto — As equipas do Vasco da Gama e do F. C. Porto, que jogaram no último domingo



No Campeonato de "Volley", da Ala 2 da "Mocidade" — Um aspecto do jogo Escola Lusitânica-Infante de Sagres



Jogos da II Divisão — Duas fases do encontro Belenenses (R.)-Atlético



CONG-FOU

Um método de Educação Física com 47 séculos

pelo Dr. SALAZAR CARREIRA

A humanidade contemporânea julga-se inovadora em muitas circunstâncias, mas nas quais apenas reavivou velhas teorias esquecidas ou utilizou diversamente preceitos quasi tão velhos como o homem.

A aplicação do exercício físico para fortalecer o organismo, corrigir insuficiências e defeitos do desenvolvimento do corpo ou do funcionamento dos órgãos, assegurar a saúde contra os perigos de regimes viciosos, assumiu hoje em dia extraordinário incremento, baseado em teorias modernas, que a evolução da ciência continuamente aperfeiçoa, mas foi, afinal, do conhecimento dos mais remotos antepassados destas gerações que se orgulham agora de abrir novos campos de actividade ao melhoramento racional da depauperada raça humana.

A interpretação é, talvez, diversa; mas a idêa foi conhecida pelas mais antigas civilizações, perdida nuns casos pelo desaparecimento ou abastardamento dos povos, conservada noutros na tradição de preciosos icondulos. Tal é o caso, por exemplo, dos chineses, cuja gymnástica foi inventada e sistematizada vinte e sete séculos antes do início da nossa era cristã, e da qual assistimos, em 1936, a uma exhibição demonstrativa, no decurso dos Jogos Olímpicos de Berlim. Chama-se Cong-Fou e o seu regulamento data do reinado do Imperador Hoang-Ti, no ano 2698 antes de Cristo.

O Cong-Fou é, essencialmente, um método estático, no qual as posições e atitudes constituem o meio empregado para o aperfeiçoamento do corpo e a cura de certas doenças; foi praticado primitivamente pelos bonzos do Tao-Sé na integra pureza de intenções culturais, mas o andar dos séculos deformou-lhe os propósitos e transformou-se em rito religioso, envolto de mistérios e superstições, destinado a impressionar a multidão ignorante e idólatra.

Os bonzos afirmavam que o Cong-Fou não curava apenas as enfermidades do corpo, porque permitia também à alma libertar-se da servitude dos sentidos e conquistar para o além a imortalidade feliz.

Os missionários franceses que se instalaram na China nos comços do século XVIII, consagraram-se ao estudo d'êste curioso método e conseguiram, com enorme dificuldade, reconstituir-lhe o sentido original, desvendando os segredos ciosamente guardados pelos Tao-Sés, que se serviam dos exercícios do Cong-Fou para alcançar curiosas curas — com as quais mantinham o seu prestígio de casta superior.

Segundo a interpretação d'esses missionários, resumida por Paul Giraud numa interessante monografia, publicada há anos em Paris, o Cong-Fou assenta sobre os princípios que vamos transcrever: criam os antigos padres do Tao que o mecanismo do corpo humano obedecia inteiramente a leis hidrúli-

cas; a livre circulação do sangue e dos humores, assim como o equilíbrio respectivo, que lhes modifica o movimento e a acção reciproca, podem considerar-se as engrenagens reguladoras do corpo humano. A saúde depende sempre da regularidade da circulação e do equilíbrio humoral.

Por outro lado, continuavam afirmando os taoístas, a actividade do ar aumenta a fluidez dos líquidos e facilita a sua circulação; tudo quanto tenha por objectivo aumentar ou diminuir a força e o volume dos humores corporais accelera ou retarda a respectiva circulação.

Partindo d'êstes fundamentos os bonzos do Tao e prosseguindo no seu raciocínio, apontavam que o movimento do sangue e dos humores é dificultado pelos efeitos do atrito nas paredes dos vasos e pela acção da gravidade. Por consequência verifica-se modificação das condições físicas influindo favorável ou desfavoravelmente no mecanismo hidrúlico, conforme o corpo esteja apurado ou curvo, deitado ou sentado, e os braços e pernas sejam postos em extensão ou flexão, caídos ou elevados para cima, para diante ou para o lado.

Quando, em virtude de qualquer atitude ou acção, o fluxo circulatório é retardado em determinada zona, os humores concentram-se e aumentam de força nas outras regiões onde não encontram obstáculos; nos casos ainda em que desaparece por qualquer mudança de posição o obstáculo criado à circulação, os humores precipitam-se para lá com intensidade redobrada.

Foram estas várias considerações que inspiraram a técnica do Cong-Fou, cujas atitudes e posições têm por fim exercer salutar influencia libertadora sobre todas as circunstâncias que, por qualquer modo, embarcam, retardem ou impeçam a circulação humoral. Na teoria «taoista», todas as doenças, excepto os ferimentos e as fracturas, são motivadas por estas circunstâncias.

Estudando minuciosamente o funcionamento do coração, que consideravam uma das maiores maravilhas do universo, os bonzos inventores do Cong-Fou concluíram que existe íntima e permanente correlação entre os batimentos cardíacos e os movimentos respiratórios, ao ponto dos primeiros se acelerarem imediatamente quando se apressa o ritmo pulmonar. O Cong-Fou accelera ou retarda a respiração, conforme as conveniências procuradas, no propósito de exercer igual acção sobre o fluxo circulatório.

«Regulando a inspiração e a expiração», proclama o ritual cong-fouista, «uma em relação à outra e em proporções determinadas, consegue-se aumentar ou diminuir à vontade o volume de ar misturado no sangue. O mecanismo escolhido para a respiração exerce sobre o movimento do sangue e dos humores uma acção tanto mais intensa quanto maior for a colabora-

ção prestada pelas condições hidroestáticas resultantes da atitude escolhida para o corpo e seus diversos segmentos.»

A doutrina do método chinês de gymnástica comporta duas partes essenciais: a atitude e a forma respiratória.

As posições previstas para o gymnasta são inúmeras e, de pé, sentado ou deitado, reúne longa lista de variantes, na dependência da situação do tronco ou dos membros e até da maneira como é mantida a posição dos vários segmentos.

O estudo do pormenor aprofunda-se tanto que é dada considerável importância à posição dos olhos e da lingua. O Cong-Fou pretende, por exemplo, trazer a calma ao organismo e ao espirito fixando o olhar por convergência dos dois olhos sobre a extremidade do nariz.

A lingua, que o tratado «taoista» designa pitorescamente por dragão vermelho, executa no interior da boca fechada, entreaberta ou aberta, conforme os casos, oscilações, circunvoluções, extensões e flexões, atritos, etc., que visam a estimular a secreção da saliva em condições especiais.

Uma vez fixada a atitude, o método define para cada hipótese a forma de respirar, admitindo três processos fundamentais: pela boca, pelo nariz e com inspiração bucal e expiração nasal ou vice-versa. Estabelece diversas formas de inspirar e expirar, rapidamente ou devagar, com força ou suavidade, fundo ou superficial, continua ou acudida, etc.

As maneiras de respirar são tantas e tão complicadas que os missionários analistas do Cong-Fou declaram que é impossível descrevê-las e só podem ser compreendidas por quem assista repetidas vezes às práticas dos bonzos.

A arte do método consiste em saber escolher e combinar as atitudes em que a gymnástica deve manter-se e a forma como deve respirar durante êsse tempo. As sessões de Cong-Fou são matinais; depois do sono da noite, os humores estão mais calmos e o corpo mais flexível, aproveitando melhor os efeitos dos exercícios.

A monografia de Paul Giraud constitui uns tantos exercícios do método, dos quais transcrevemos exemplo curioso, para esclarecimento dos nossos leitores. Trata-se de combater vos sonhos e lússões nocturnas e suas consequências sobre o estado físico: «usando no solo, as pernas unidas e ligeiramente flectidas, pés em flexão. Tronco e cabeça inclinados para diante, as mãos juntas por baixo das solas dos pés, de forma que os braços fiquem estendidos.»

Outro exemplo, destinado a curar os cálculos biliares e as cólicas de fígado: «sentado, joelhos unidos e pés também unidos, assentando toda a sola no chão. Mão direita sobre o joelho direito, mão esquerda sobre o joelho esquerdo, de molde que as pontas dos dedos se toquem. Cabeça inclinada para traz.»

Se as cólicas são renais, a posição varia: «deitado sobre o ventre, cabeça e pés levantados o mais alto possível, de maneira que o corpo tome o aspecto de um arco tangente ao solo. Os dois braços estendidos lateralmente e puxados ao máximo para cima, a afastá-los do solo.»

Não garantimos a eficácia do remédio; mas se os leitores quiserem experimentar também lhes garantimos que o mal a temer deve ser nenhum.

BOX NO COLISEU

(Conclusão da pág. 12)

A abrir, encontraram-se Manuel Matos e Figueiredo, num combate em oito assaltos, que terminou pela vitória de Figueiredo. Errou na decisão o árbitro, pois Matos mostrou um mais alto conhecimento técnico de «box» e Figueiredo não bateu mais que aquêle. Seria aceitável um «nulo» — nunca, porém, como deliberou o árbitro.

O espanhol Vinaixa abandonou no sétimo assalto o «match» que travava com António Silva, em que Aluísio Falcão foi o árbitro. Os adversários, no começo, entravam bem — e de tal modo que ambos se cansaram. Contudo, o espanhol, fisicamente inferior a Silva, viu-se obrigado a desistir quando estava extenuado. Silva mostrou necessidade de preparação mais cuidada.

José Luís ganhou, por pontos, ao espanhol Mésueger. Arbitrou Rudolfo J. Pereira. A José Luís, bem constituído e com habilidade, faltou-lhe preparação técnica; mas em Mésueger não abundavam os conhecimentos de «box». Por via disto se conclue como teria sido um combate com adversários nestas condições. A ambos faltou aproveitamento e ambos hesitaram no ataque, mesmo quando o adversário estava em situação difícil.

Alfredo de Oliveira (68) fez «match» nulo com Mateus (62). José de Araújo serviu de árbitro. Mais uma vez, na mesma noite, o árbitro errou. É incompreensível como deu uma decisão daquelas, quando Mateus ganhou todos os assaltos.

No «combate de fundo», Miguel França venceu por pontos, em dez assaltos, o espanhol Gonzalez. França foi, sem sombra de dúvida, melhor do que Gonzalez. O combate emocionou desde o princípio ao fim; e os jogadores não se poupavam, o que deu origem a uma luta cheia de brilho, que provocou largo entusiasmo. Ao ardor combativo e «punch» de França opôs Gonzalez uma boa esquivia, que muito bem soube tirar das cordas.

Como Calpena tivesse faltado, a última hora, o programa alterou-se. Gonzalez, que estava destinado a Alfredo de Oliveira, jogou com França, e Mateus preencheu a falta do adversário de Oliveira.

Assim decorreu uma reunião que pode considerar-se inferior, pois não só se salvou apenas um dos combates, como os árbitros provocaram, com as suas lógicas decisões, naturais manifestações de descontentamento do público.

SOUZA MARQUES

DESPORTO CORPORATIVO

Recebemos o primeiro número do boletim da F. N. A. T., referente a Fevereiro. Nêle se documentam as actividades daquela organização durante o mês findo. O sumário é o seguinte: Apresentação; os serões recreativos realizados no Pôrto e em Braga; actividade desportiva, simbologia dos organismos corporativos; cinema para trabalhadores e noticiário. Agradecemos a oferta.

— O S. N. dos Profissionais da Indústria Hoteleira e Similares do Distrito de Lisboa promove êste mês um torneio de futebol para disputa de duas taças («Pôrto Barros» e «Sindicato») a atribuir, respectivamente, ao primeiro e segundo classificados.



um novo "rink" de patinagem

INAUGUROU-SE oficialmente o recinto de patinagem que o antigo desportista e nosso amigo sr. Alfredo de Sousa mandou construir na rua Pascoal de Melo, com aspectos interessantes de modernismo e comodidade, além das facilidades de utilização que apresenta para os inúmeros simpáticos da modalidade, em virtude de estar situado em lugar central e por isso mesmo muito acessível. Mas a cerimónia da inauguração do «rink» da «Lisboa-Império», ao bairro Camões, não teve o lustro que o seu proprietário ambicionava. O mau tempo impediu que a festa preparada se fizesse e então os convidados, em número considerável, somente puderam deliciar-se com um «Pôrto de Honra» — com que Alfredo de Sousa, sempre gentil, os presentou. Claro que o beberete — porque o «rink» estava alagado, e, portanto, impróprio para quaisquer exhibições de patinagem... — teve, assim, maior concorrência e demora! Perderam os organizadores a apresentação de um espectáculo que se antevia interessante — mas ganharam os convidados com a contrariedade...

No decorrer do «Pôrto de Honra» falaram os srs. Manuel de Sousa, Severino Freire, capitão Santos Romão e Sáfira da Costa (filho) e o nosso camarada Lança Moreira. Todos tiveram p-lavras de apreço pela utilidade que apresenta a construção do novo «rink» e especialmente pela tenacidade de Alfredo de Sousa. Também não foram esquecidos nas saudações os professores de patinagem que passam a ter cátedra no «Lisboa-Império»: Germano Magalhães e José Soares, um «veterano» e um «novo» a quem os desportos do «stick» muito devem.

*

Vai disputar-se, conforme já referimos, o 4.º campeonato de Portugal de «hockey» em patins, este ano com a presença, apenas, de dois clubes de Lisboa: Futebol Benfica e Paço de Arcos. O primeiro «match» celebra-se já no domingo, em Benfica, fazendo-se a «repetição» em Paço de Arcos, uma semana depois. Em complemento destes jogos defrontam-se as reservas dos mesmos clubes.

«Stadium» associa-se a estas organizações da F. P. Patinagem, com a oferta de uma taça de prata — para ser disputada nos «matches» de segunda categoria. O trofeu tem o nome da nossa revista.

— Mário de Carvalho, antigo jogador do Académico do Pôrto, despediu-se há dias da actividade. Foi-lhe nessa ocasião prestada justa homenagem por companheiros e adversários de lutas desportivas. «Stadium» associa-se de bom grado a essa consagração ao desportista correcto e disciplinado que passa a ter agora outras funções: a de delegado regional da D. G. D. no Pôrto, vasto campo onde melhor pode desenvolver a sua acção.

— Nos dias 15 e 16 reúne-se extraordinariamente o congresso da F. P. Patinagem, a fim de apreciar e votar a reforma dos estatutos e do regulamento de provas.

BOXING

NO último domingo deve ter-se efectuado em Pau o encontro entre as seleções de amadores de Espanha e França.

Pelas respectivas Federações foram designados os seguintes pugilistas:

Espanha — Diaz, Marti, Valoés, Sasot, Calpe, Santandreu, Asensio e Ibarrodo.

França — Perrier e Lotty; Jonas e Fayand; Yus e Gerontes; Vignes e Loisseaux; Vian e Renaudy; Tonniello e Rauff; Bard e Arnaud; Galliene.

CICLISMO

NO decurso de uma reunião celebrada recentemente em Zurich, a prova de 100 quilómetros em pista foi ganha pela equipa suíça constituída por Egli e Kuebler, que gastaram 2 h. 3 m. 2 s. 2/10 (média de 48,764 quilómetros). Em segundo lugar classificaram-se os holandeses Schulte e Boyen.

CROSS-COUNTRY

A Federação Catalã de Atletismo seleccionou os representantes da Catalunha no campeonato nacional de Espanha de «cross-country».

A equipa será constituída por Bernabéu, G. Rojo, M. Andréu, Jerónimo Juan, J. Mari, F. Cami e J. Olmos.

GOLF

Brilhante vitória do visconde de Pereira Machado

Já depois de escrito o nosso artigo sobre o III Portugal-Espanha em «golf», registou-se a vitória do jogador português visconde de Pereira Machado, nos Campeonatos Internacionais de Portugal, batendo na final o espanhol Santiago Ugarte. Não só este resultado, como outros alcançados pelos nossos jogadores sobre valorosos adversários da nação vizinha, servem para demonstrar a razão do que, sobre a competição internacional, escrevemos.

D. D.

ESQUI

A prova de fundo dos campeonatos suecos de esqui, disputados em Oestersund, na distância de 30 quilómetros, foi ganha por Nils Karlsson, em 2 h. 13 m. 9 s., à frente de Karl Bahlin, em 2 h. 14 m. e 41 s.

O vencedor do ano findo e campeão mundial de 1941, Alfred Dahlquist, classificou-se em 19.º lugar, gastando 2 h. 20 m. 7 s.

FUTEBOL

A Confederação Sul-Americana de Futebol, na sua última reunião, a que assistiram representantes do futebol argentino, uruguaio, brasileiro, peruano, boliviano, paraguaio e chileno, resolveu que o campeonato sul-americano, que se devia efectuar este ano no Equador, não se dispute enquanto dura a guerra.

NATAÇÃO

O nadador argentino Gutiérrez percorreu a distância de 80 quilómetros, que separa os portos de Campana e S. Fernando, no Rio da Prata, em 18 horas.

— O seu compatriota Candiotti, que há pouco tentou, em vão, pela quarta vez, a travessia Rosário-Buenos, vai submeter-se a uma operação ao estômago.

PATINAGEM

NO decurso de um «certame» há pouco celebrado em Oslo, o famoso patinador Håns Engnestången registou duas sensacionais derrotas: na prova de 500 metros, o campeão do mundo foi batido por Finn Hodt e Divind Wolff, que cobriam a distância em 45 s. e 6/10; nos 1.500 metros, Finn Hodt ganhou em 2 m. 35 s. 3/10, seguido de Ingvar Hanseu, em 2 m. 36 s. 3/10.

Engnestången gastou, respectivamente, 47 s. 5/10 e 2 m. 37 s. 7/10.

TÊNIS

A Federação Espanhola de Tênis resolveu fazer disputar os seus campeonatos nacionais, em Santander, nos dias 14 a 19 do corrente.

A organização foi confiada à Real Sociedade de Tênis de Madalena, que conta como certa a presença dos melhores jogadores espanhóis.

Concurso do

"GOAL" DA VITÓRIA

ENCONTRAM-SE a pagamento na nossa administração TODOS OS DIAS ÚTEIS, das 14 às 16 horas, os prémios não liquidados a que estão habilitados os concorrentes de LISBOA, aos quais pedimos que venham levantá-los o mais depressa possível.

Informa-se também de que vamos REMETER AOS CONCORRENTES DA PROVÍNCIA CONTEMPLADOS COM OS MIL ESCUDOS OS PREMIOS CORRESPONDENTES AOS CUPÕES N.º 5 a 8 — visto já estarem liquidados os dos n.º 1 a 3.

Contamos voltar a publicar brevemente AS LISTAS DE PREMIADOS, tão depressa nos chegue a remessa de papel que encomendamos.

Na oitava jornada do Campeonato Nacional de Futebol (Cupão n.º 8) foram premiados TRES (3) concorrentes com o 2.º prémio, de 1.000\$00; QUINHENTOS E TRES (503) com o 3.º prémio, de 500\$00.

Esta diminuição no número de contemplados justifica-se pela circunstância de terem havido dois empates e não pelo decréscimo de concorrentes. Este continuam a aumentar, de número para número — e até de maneira assustadora...

Nessa jornada os marcadores dos «GOALS DA VITÓRIA» foram: PEYROTEO (Sporting); QUARESMA (Belenenses) e REBELO (Unidos de Lisboa).

As sugestões a que temos feito referência (especialmente a da entrega dos pequenos prémios — de «quinientos escudos» — a Casa dos Vendedores de Jornais) continuam a ser bem acolhidas.

As listas dos premiados (cupão n.º 7) assim como as anteriores que ainda não foram consultadas, estão patentes na nossa administração, das 10 às 11 e das 15 às 17 horas. O pagamento dos prémios só se fará, porém, das 14 às 16 horas.

Primeira Casa das Bandeiras

ANTÓNIO CARDOSO

RUCHE-SORA

Margarida Cardoso da Costa

Fundada em 1885 e registada — Promovida desde 1908, 1932-33

Grande sortido de bandeiras de tôdas as cores, para alugar — Preços de concorrência — orçamentos grátis

149-R. dos Correios 151-Tel. 27482 LISBOA-PORTUGAL

Aos nossos Assinantes

Estão a pagamento os recibos das assinaturas, conforme nota da administração. Mas sucede que os nossos cobradores têm tido dificuldade em encontrar — nas suas residências — os senhores assinantes da Stadium, os quais, na generalidade, não deixam ordens para pagamento; e dessa forma os cobradores procuram a mesma pessoa uma e mais vezes, sem a encontrarem, porque têm horas determinadas e estão, quando procurados, nas suas ocupações. Por isso pedimos — para maior facilidade e boa organização dos nossos serviços — que os srs. assinantes nos indiquem outros locais onde podem ser procurados ou deixem ordens de pagamento nas suas residências.

CONCURSO DO «GOAL DA VITÓRIA»

(ORGANIZAÇÃO DE «STADIUM»)

BOLETIM N.º 10

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL 10.ª JORNADA

BENFICA — UNIDOS

F. C. PORTO — BELENENSES

SPORTING — VITÓRIA

OLHANENSE — LEIXOES

UNIDOS (do Barreiro) — ACADÉMICA

Nome do concorrente

Morada

NOTA IMPORTANTE: Os boletins que não tragam bem legíveis o nome e a morada do concorrente serão inutilizados.

Todos os boletins — Lisboa ou provincia — devem dar entrada na Redacção (Trav. Cidadão João Gonçalves, 18-3.º), imprimeiramente até às 18 horas dos sábados que precedem os jogos, como indicado na base 3.ª do Regulamento do Concurso.

MARCADORES DO «GOAL DA VITÓRIA»

Flágrantes atitudes de Vasco,
Rogério e Antunes — plenas
de vigoroso esforço.

Stadium



(fotos Nunes d'Almeida)



Mourão e Daniel em luta com a defesa barreirense



(foto Tanziel)

Belo salto de Micael para impedir a entrada de
Julinho, sob a protecção de Antunes